

## Oficina de Pesquisa on-line em Antropologia da Política

CURSO PPGAS - MUSEU NACIONAL - UFRJ - 1º SEMESTRE DE 2020 – Período Letivo Excepcional

CÓDIGO: MNA831 - Antropologia dos Processos de Formação do Estado

PROFESSORES: Moacir Palmeira e João Lagüéns

Nº DE CRÉDITOS: 03 (três), 45 horas aula, 15 sessões HORÁRIO: quartas-feiras, de 13:30h às 16:30h

### Um convite à etnografia on-line da política

A política, como praticamente todas as dimensões da vida, teve sua forma costumeira de acontecer posta em cheque pela crise decorrente da pandemia do COVID-19. No Brasil, a dúvida recaiu sobre sua dimensão mais concreta e ritualizada: a realização das eleições municipais programadas para outubro de 2020.

Qualquer um minimamente familiarizado a política brasileira sabe que candidato anda na rua, abraça gente, conversa no pé do ouvido, ouve histórias e assume compromissos. Mais do que um “estilo”, essa prática é a própria elaboração do significado assumido pelas eleições ou, de forma mais abrangente, pelo *tempo da política*: não se trata apenas de uma escolha eleitoral, este é o momento de negociação e (re)definição da adesão a uma das partes em que se divide a sociedade. Toda a multiplicidade de pessoas envolvidas, formas, espaços e eventos típicos da campanha proporcionam oportunidades de encontro, aproximação, avaliação e elaboração dos laços entre seus participantes que compõe a definição prática do que é a política.

A realização das eleições durante a crise da pandemia e as prescrições de “distanciamento social” impõem restrições morais e práticas à realização da campanha em sua forma costumeira e colocam em um novo lugar a campanha e a política feita por dispositivos on-line. Esta não pode mais ser apresentada como reprodução, continuidade ou estratégia de expansão de uma política que “de fato” acontece em outro lugar (o dito “mundo real”). Em muitos sentidos a face mais pública, oficial e abrangente da campanha deve ser aquela apresentada on-line. Isso em nada exclui todo tipo de conversas, mensagens e acordos feitos privadamente, em pequenos grupos, ou secretamente, que, em todo caso, sempre fizeram parte da política. O tema da política e das campanhas eleitorais on-line também não é novo e ganhou destaque nas últimas eleições – no Brasil e mundo a fora – especialmente pela emergência de grupos conservadores e sua relação com estratégias massivas de campanha baseadas em inteligência artificial, previsões e manipulação de comportamentos a partir dados extraídos e da interação em redes sociais.

Deve-se notar, no entanto, que a situação atual configura um cenário diferente e coloca um conjunto de questões sobre como a *política* vai se adaptar a ele. Como serão reconfiguradas as formas de tecer, manter e apresentar relações que marcam o tempo da política nesses novos espaços, linguagens e

gramáticas de relacionamento estabelecidos on-line? Certamente, muitas dessas e outras perguntas ainda estão em aberto também para os profissionais da política, que terão que experimentar seu desempenho e inventar novas formas de atuar nas próximas eleições. A proposta aqui apresentada é justamente acompanhar, etnograficamente, a construção das interações on-line, especialmente em redes sociais, durante o período que antecederá as eleições municipais de novembro de 2020.

## Sobre a organização do curso

O curso pretende atingir três objetivos distintos: 1) apresentar um panorama do debate sobre eleições e política a partir de um ponto de vista da antropologia da política; 2) explorar as possibilidades e formas de realizar etnografias on-line, oferecendo aos participantes da oficina a possibilidade de construir entradas em campo utilizando esse recurso, seja em universos de pesquisa já conhecidos, ou valendo-se da abertura espaços de debate público produzida pelo período eleitoral; e 3) realizar um exercício comparativo entre os experimentos etnográficos produzidos na oficina de pesquisa, como instrumento de crítica às temáticas destacadas nos pontos anteriores: política e eleições e etnografia on-line. Deste modo, a proposta inicial do curso é que cada participante desenvolva ao longo da oficina uma pesquisa etnográfica on-line em um universo de pesquisa a sua escolha. Se houver interesse, os professores podem facilitar acesso a universos de pesquisa em que atuam ou debater propostas de trabalho específicas.

O curso está estruturado com base em dois tipos de sessões que ocorrerão em semanas alternadas:

1. As primeiras serão dedicadas ao debate conceitual, com o debate da bibliografia proposta conduzido pelos professores. Vídeos com a exposição de temas específicos, palestras ou outros materiais podem ser acionados como parte das referências para o debate. Partindo de trabalhos da antropologia da política sobre eleições no Brasil, o debate conceitual deve incluir também temas intensamente acionados em relação à política no Brasil (como clientelismo ou populismo) e à política e internet (como capitalismo de vigilância e guerra híbrida).
2. O segundo tipo de sessão será dedicado ao desenvolvimento das pesquisas, e sua organização será norteadas, principalmente, pela a condução de um exercício comparativo entre as experiências e resultados das pesquisas em desenvolvimento pelos participantes da oficina. Tópicos e elementos que organizam as campanhas políticas, tradicionalmente ou no seu formato on-line, serão a base para organizações das sessões, onde os participantes devem apresentar como estes vêm sendo acionados em seus universos de pesquisa. Assim, as sessões podem abordar, por exemplo, o uso das imagens, as selfies, a atuação nas diferentes redes sociais (facebook, instagram, twitter, grupos de Whatsapp e – porque não – listas de email e o velho telefone) e os diferentes espaços e tipos de discurso construídos dentro dessas redes (como grupos de bairro, de compra e venda, grupos ligados a temas ou redes de militância ou formados por interesses muito diversos em relação à política, mas que são por ela tomados neste período). Também devem fazer parte desse conjunto, elementos frequentemente acionados no *tempo da política*, como a família, menção a laços e ajudas prestadas no passado, representações sobre os grupos políticos locais, ou até mesmo o acionamento de disputas “ideológicas”, debates de temas de governo e políticas públicas.

Por fim, vale dizer que a organização aqui proposta é uma tentativa de adaptação às possibilidades de um curso que será ele também realizado integralmente on-line e pode sofrer adaptações acordadas com os participantes da oficina.

Temas tratados nas sessões

### ***Sessões conceituais***

1. Eleições, voto e adesões e disputas
2. Eleições, a política e o Estado
3. Clientelismo, Coronelismo e Patronagem: uma imagem da política entre nós
4. Família, intrigas, questões e demarcação de espaços
5. Fazendo e desfazendo grupos; vizinhança, intrigas e fofoca
6. Eles nos controlam?
7. Política local- política nacional

### ***Sessões práticas***

1. Fazer etnografia on-line?
2. Entrando em campo: dos grupos de Facebook a outros grupos /redes e contatos individuais
3. As Lives de campanha, de candidatos, comunicadores e outras pessoas envolvidas nas campanhas
4. Grupos de whatsapp
5. A discussão temática/setorial ; grupos e redes pessoais (atenção ao twitter, grupos de facebook); relação entre pautas de movimentos e política local
6. Uso das imagens: fotos, selfies, cenários, encontros, imagens de arquivos

## 1. Apresentação do curso

### Sessões conceituais

## 2. Eleições, voto, adesões e disputas

PALMEIRA, Moacir. 2010. Política, facções e voto. In: PALMEIRA, Moacir, HEREDIA, Beatriz. *Política Ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. pp. 15-26

PALMEIRA, Moacir e HEREDIA, Beatriz. 2010 [1995]. Os comícios e a política de facções. In: PALMEIRA, Moacir, HEREDIA, Beatriz. *Política Ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. pp.27-80

GOLDMAN, Marcio. 2006. Introdução: Antropologia da Política e Teoria Etnográfica da Democracia. In: GOLDMAN, Marcio. *Como funciona a democracia. Uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

COMERFORD JOHN CUNHA; BEZERRA, MARCOS OTAVIO Etnografias da política: uma apresentação da Coleção Antropologia da Política. *Análise Social*, 206, xlviii (2.º), 2013

## 3. Eleições, a política e o Estado

OFFERLÉ, Michel. *Un homme, une voix ? Histoire du suffrage universel*. Paris, Gallimard, 1993.

SABATO, Hilda. Elecciones e practicas electorales en Buenos Aires, 1860-1880. Sufragio universal sin ciudadanía política? Pp.107-142

VILLELA, Jorge Mattar. Como nos dar formas de deliberação que nos sejam favoráveis? *Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social*, Rio de Janeiro, v. 10, 2017

### Para situar o debate:

BOURDIEU, Pierre. Espírito de Estado: gênese e estrutura do campo burocrático. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996. p.91-135

CORRIGAN, Philip & SAYER, Derek. 1985 – *The great arch. English state formation as cultural revolution*. London: Basil Blackwell, pp. 7-13 ; 209-211 ; 166-208 ; 227-232.

FOUCAULT, Michel – *Microfísica do Poder*, Graal, Rio, 1981 (1979), caps. XII (Soberania e disciplina), pp. 179-191 e XVII (A governamentalidade), pp. 277-293.

#### **4. Clientelismo, Coronelismo e Patronagem: uma imagem da política entre nós**

VILAÇA, Marcos Vinicius e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. (2003). Introdução; O Coronel e seu mundo. In: *Coronel, coronéis*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. pp. 13-37; 39-67

SILVERMAN, Sydel. (1967) The community-nation mediator in traditional central Italy. In: Potter, J. M. et al., *Peasant Society: a Reader*. Boston: Little Brown, pp. 279-293.

MARQUES, Ana Cláudia. 1999. Ensaio Bibliográfico: Algumas Faces de Outros Eus: Honra e Patronagem na Antropologia do Mediterrâneo. *Mana* 5(1):131-147

BOISSEVAIN, Jeremy, (1966) Patronage in Sicily. *Man*, 1 (1): 18-33., mar..

DINIS, Eli. Voto e Máquina Política: Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. - Capítulo 1: Máquinas Política. 23-46; Capítulo 3: A Máquina Chaguista 89-128

##### Complementar:

LEAL, Victor Nunes. 1975. Coronelismo, enxada e voto. O município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-ômega. Capítulo primeiro: Indicações sobre estrutura e o processo do "Coronelismo"; Considerações Finais.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. Dados [online]. 1997, vol.40, n.2, pp.-. ISSN 0011-5258. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>

#### **5. Família, intrigas, questões e demarcação de espaços**

MARQUES, A. C. D. R.. Política e Questão de Família. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, São Paulo, v. 45, n.2, p. 417-442, 2003.

VILLELA, Jorge Mattar; MARQUES, Ana Claudia. O sangue e a política: sobre a produção de família nas disputas eleitorais no sertão de Pernambuco. *Repocs*, v.14, n.27, jan/jun. 2017

HEREDIA, Beatriz. 2004. Lutas entre iguais: as disputas no interior da facção política. In. Palmeira, M. e Barreira, C. (orgs.), *A Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. [Também disponível em: PALMEIRA, Moacir, HEREDIA, Beatriz. *Política Ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.]

MAYER, Adrian C. (1987) A importância dos quase-grupos no estudo das “sociedades complexas”. In: Feldman-Bianco, Bela (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global. pp 127-152

GOLDMAN, Marcio. 2006. 1992: Centro Afro-cultural (Capítulo 3). In: GOLDMAN, Marcio. *Como funciona a democracia. Uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras. pp.137-190.

## **6. Fazendo e desfazendo grupos; vizinhança, intrigas e fofoca**

LIMA, Grazielle C. Dainese de. 2011. *Chegar ao Cerrado Mineiro: hospitalidade, política e paixões*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LAGÜÉNS, João. 2014. O Grupo e algumas outras coisas da política In. *Casa e Política: amizade, alianças e interesses*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. pp.183-218.

LAGÜÉNS, João. *É dando que se recebe?* (mimeo)

COMERFORD, J. C.. Vigiar e narrar. Sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, v. 57, p. 107-142, 2014.

EPSTEIN, A. L. “Gossip, norms and social network”. In Mitchell, J. C. (ed) *Social Networks in Urban Situations: Analyses of Personal Relationships in Central African Towns*. Manchester: Manchester University Press, 1969. pp 117-127

BESNIER, Niko. Gossip, Hegemony, Agency. In. \_\_\_\_\_ *Gossip and the Everyday Production of Politics*. pp. 1-19

## **7. Eles nos controlam?**

LEIRNER, Piero C. Hybrid warfare in Brazil: The highest stage of the military insurgency. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2020 (22p.)

ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology* (2015) 30, 75–89

VÍDEO: Shoshana Zuboff: Surveillance capitalism and democracy Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fJ0jofRzp4>

## **8. Política local- política nacional**

PALMEIRA, Moaicr. Política Local. Mimio 26p

BAILEY, F. G. Gifts and Poison In. BAILEY, F. G. (ed) Gifts and Poison: The Politics of Reputation. Pavilion Series, Social Anthropology. New York: Schocken Books, 1971. pp. 01-25.

## **Sessões Práticas – Fazendo etnografia**

### **1. Fazer etnografia on-line?**

MILLER, Daniel. What is social media?; Our method and approach; Online and offline relationships; Politics Chapter; Visual images. In.: \_\_\_\_\_. How the World Changed Social Media.

VIDEOS:

MILLER, Daniel. How to conduct an ethnography during social isolation. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so&t=16s>

MILLER, Daniel. CCSCS public talk - Why We Post: The anthropology of social media" Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1r\\_8a9hub78&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=1r_8a9hub78&t=3s)

### **2. Entrando em campo: dos grupos de Facebook a outros grupos /redes e contatos individuais**

### **3. As Lives de campanha, de candidatos, comunicadores e outras pessoas envolvidas nas campanhas**

### **4. Grupos de whatsapp**

### **5. A discussão temática/setorial ; grupos e redes pessoais (atenção ao twitter, grupos de facebook); relação entre pautas de movimentos e política local**

### **6. Uso das imagens: fotos, selfies, cenários, encontros, imagens de arquivos**